

## Polônia, 1970-71: trabalhadores vs. Estado

Raiz e ramo

Fonte: <https://libcom.org/library/poland-1970-71-workers-vs-state-root-branch>

Original escaneado: <https://libcom.org/files/poland70-71.pdf>

**Os últimos meses têm sido difíceis para o governo da Polônia, pois os trabalhadores organizaram greves em massa, manifestações de rua e invasões de fábricas. Eles lutaram contra a polícia enviada para levá-los de volta ao trabalho, saquearam lojas de propriedade do governo e saquearam e queimaram prédios de escritórios do governo. Qual é o significado desse colapso da lei e da ordem em um país como a Polônia?**

Supõe-se que o comunismo signifique uma sociedade dirigida pelos trabalhadores em seus interesses. Os acontecimentos na Polônia mostram que as pessoas de lá sabem tão bem quanto nós que o que é chamado de "comunismo" não é nada disso. Os governos "comunistas" do mundo atual representam seus trabalhadores tanto quanto, digamos, o Conselho de Administração da GM representa os homens e mulheres que trabalham nas fábricas e escritórios da GM.

Esses governos são, de fato, como grandes empresas e também como governos. Na Polônia, o Estado é proprietário de todas as empresas produtivas (exceto pequenas fazendas) e de todas as lojas. Assim, ele define todos os salários e preços. Além disso, ele controla todas as instituições públicas, como jornais, escolas e até mesmo os sindicatos. Os trabalhadores não têm voz sobre o que produzem, como é produzido, quem fica com qual parte do produto, quanto tempo as pessoas passam no trabalho e quanto tempo é livre. É claro que as pessoas no topo, que tomam todas essas decisões, só estão interessadas em quanto lucro podem extrair dos trabalhadores (no "interesse nacional"). Portanto, como o Estado é o patrão, as greves na Polônia são atos políticos sérios, ataques ao governo.

As greves são até mesmo ilegais na Polônia. Mas em qualquer situação em que uma elite governa a vida dos outros, as pessoas que estão na base acabam se cansando. Em

1956, houve grandes greves e manifestações (assim como na Hungria e na Alemanha Oriental). Elas foram enfrentadas com repressão e algumas concessões. Mas o "comunismo" polonês ainda significa excesso de trabalho, salários baixos e nada a dizer sobre isso, o que levou as pessoas a se revoltarem mais uma vez.

A origem imediata das greves e tumultos deste ano foi o novo plano econômico de cinco anos elaborado pelo governo polonês em maio de 1970. Em resposta à sabotagem dos trabalhadores no local de trabalho por meio de desacelerações e ineficiência geral, o plano introduziu um sistema de incentivos salariais feito sob medida para forçar as pessoas a trabalhar mais por salários ainda mais baixos.

Os trabalhadores dos estaleiros "Lênin", na cidade de Gdansk, estavam agitando contra o novo plano desde maio. Um funcionário do Partido Comunista foi enviado para acalmá-los. Em 13 de dezembro, ele discursou em uma reunião nos estaleiros; em vez de responder às reclamações, anunciou que, embora os preços de certos aparelhos fossem reduzidos, os preços dos alimentos seriam aumentados em 10% a 30%. A ideia do governo era que a redução do consumo de alimentos permitiria que eles exportassem mais produtos agrícolas e desenvolvessem a produção industrial. Como os trabalhadores poloneses gastam pelo menos metade de seus salários em alimentos, isso não os acalmou exatamente.

### **O início da revolta**

De fato, os trabalhadores convocaram uma reunião para o dia seguinte para decidir sobre a ação. Um grande número de trabalhadores de estaleiros e portuários compareceu a essa reunião, juntamente com estudantes universitários. A multidão decidiu ir até a sede do Partido Comunista na cidade. Quando a polícia tentou dispersá-los com canhões de água, eles começaram a saquear lojas. Finalmente, chegaram à sede do partido e começaram a incendiá-la (cantando a "Internacional", a tradicional canção de revolta da classe trabalhadora). Outros incêndios foram ateados em prédios do Estado e os carros dos oficiais do Partido foram queimados. Muitos dos manifestantes estavam armados com canos de chumbo e correntes, e a batalha com a polícia foi sangrenta.

Os trabalhadores e estudantes enviaram pessoas para as cidades vizinhas de Gdynia e Sopot para espalhar a revolta. Em Gdynia, os manifestantes queimaram a estação ferroviária e a sede do partido. Em Varsóvia, a capital, os meios de comunicação de

massa - todos controlados pelo governo - não falaram nada sobre a revolta, mas o governo enviou o exército e a milícia (esquadrões de capangas membros do partido) para a área problemática. A área foi isolada e um toque de recolher foi imposto.

As manifestações continuaram no dia seguinte, com a polícia e a milícia atirando em pessoas em Gdansk e Gdynia, matando cerca de 28 pessoas. No dia 16, diante da falta de esperança de lutar contra a milícia nas ruas, os trabalhadores dessas cidades começaram a ocupar seus locais de trabalho. Naquela noite, o vice-primeiro-ministro Kociolek foi ao rádio para pedir à população que voltasse ao trabalho. Mas, na manhã seguinte, quando os trabalhadores de Gdynia estavam a caminho do trabalho nos estaleiros, docas e fábricas, foram recebidos por tiros de metralhadora. Quando 2.000 deles marcharam até a prefeitura para exigir uma explicação, foram novamente alvejados. O governo disse que 21 pessoas foram mortas, mas um apelo clandestino escrito por trabalhadores de estaleiros em Gdynia afirmou que dez vezes esse número de homens e mulheres morreram no massacre.

No mesmo dia, em um discurso à nação, o governo disse que "anarquistas, hooligans e criminosos" eram responsáveis pelos protestos e que a "lei e a ordem" deveriam ser restauradas. Ele também deu ordens para que a milícia atirasse nos manifestantes - como já vinha fazendo.

Mas, ao mesmo tempo, a rebelião estava se espalhando. Em outra cidade, Szczecin, os trabalhadores dos estaleiros realizaram uma reunião na qual decidiram apoiar os trabalhadores de Gdansk e ir à sede do partido para conversar com as autoridades. Ao saírem dos estaleiros, foram atacados a tiros pela milícia. Mesmo assim, uma multidão de 10.000 pessoas se dirigiu ao centro da cidade, escrevendo slogans nos muros e nos tanques do exército: "Somos trabalhadores, não hooligans!". "Queremos salários mais altos e liberdade!" e "Abaixo a burocracia do partido!". O exército se recusou a atirar, mas os milicianos começaram a disparar. Em resposta, a multidão linchou um miliciano e incendiou a sede do partido, os escritórios do sindicato e de passaportes e as casas de alguns funcionários do partido. Eles tentaram invadir a sede da polícia, mas foram impedidos por tiros.

Pouco antes do anoitecer, os trabalhadores retornaram aos estaleiros, sentando-se e barricando os portões. Começaram a se organizar para espalhar a greve dentro e fora da

cidade. Durante os cinco dias seguintes, os grevistas de Szczecin administraram amplamente a cidade, mantendo os serviços municipais e organizando uma milícia de trabalhadores para patrulhar as fábricas e a cidade.

Enquanto isso, as greves em Gdansk e Gdynia cresciam; comitês de greve e comitês de agitação foram organizados para disseminar a greve. A greve de fato se espalhou: para Nova Huta (um grande complexo de ferro e aço), partes de Varsóvia e várias outras cidades industriais. Em outras cidades, houve agitação e tumultos, e o exército foi enviado para ocupar algumas delas. A fronteira entre a Polônia e a Alemanha Oriental foi isolada por tanques russos.

No entanto, a agitação e as atividades de apoio aos trabalhadores parecem ter se espalhado pela Alemanha Oriental, e o governo alemão rapidamente anunciou um aumento salarial. Medidas semelhantes para conter a onda de greves foram usadas em outros países do Leste Europeu e até mesmo na Rússia. Em Varsóvia, os estudantes foram mandados para casa de férias mais cedo para evitar a atividade estudantil.

### **Mudança de tática**

Depois de não conseguir deter o movimento com armas e retórica sobre "bandidos e anarquistas", o governo tentou uma abordagem diferente. No dia 20, o primeiro-ministro polonês Gomulka foi substituído por Edward Gierek. O novo governo reconheceu publicamente que os manifestantes eram trabalhadores com queixas e rescindiu o decreto que ordenava que a milícia atirasse. Ele até admitiu que o partido havia "perdido contato" com os trabalhadores (!!!). Por fim, prometeu que os salários não seriam reduzidos e pediu aos trabalhadores que voltassem ao trabalho. Mas os tanques e a milícia permaneceram em Szczecin, e houve relatos de "técnicos" russos em uniformes poloneses. Em Gdynia, a milícia ocupou os estaleiros para evitar outra manifestação de trabalhadores.

A situação permaneceu relativamente calma até o dia 7 de janeiro, quando os trabalhadores do estaleiro de Gdansk retomaram sua agitação: exigindo que 200 trabalhadores presos durante a revolta fossem libertados e que os aumentos de velocidade e as más condições de trabalho terminassem. Em uma reunião de massa, eles exigiram que Gierek fosse conversar com eles.

Em 17 de janeiro, a greve havia fechado todos os estaleiros em Gdansk e Szczecin. Em Gdansk, os trabalhadores se manifestaram em frente à sede do partido para apresentar suas reivindicações: libertação imediata dos colegas presos, aumento de 20% nos salários, melhoria das condições de trabalho, fim das horas extras, melhorias na moradia e no transporte e liberdade de imprensa (incluindo a publicação de suas reivindicações).

Os trabalhadores recusaram a proposta do governo de "trabalhar primeiro e fazer reivindicações depois" e permaneceram em greve. Novamente foram eleitos comitês de greve e agitação.

No dia 19, a greve havia se tornado quase total em Szczecin e se espalhou para Gdynia. Reuniões em massa elaboraram cerca de 2.000 reivindicações, a maioria delas como as mencionadas acima. Uma nova e importante demanda levantada pelos trabalhadores do setor automobilístico de Palmo, em Szczecin, exigia a equiparação do nível médio de salários na indústria com os salários mais altos dos membros do Partido. Mas talvez o desafio mais sério ao sistema na Polônia tenha sido a demanda por liberdade de organização fora dos sindicatos controlados pelo governo, cujo principal objetivo é disciplinar os trabalhadores e manter a produção em alta. Atender a essa demanda seria admitir não apenas que os sindicatos não representam os trabalhadores, mas que há uma divergência básica de interesses entre os trabalhadores e o governo - algo difícil de admitir para um Estado que afirma ser um "governo dos trabalhadores". Naturalmente, o Partido se recusou a atender a essa exigência crucial, embora tenha atendido a algumas das outras.

Na verdade, desde o início das greves, os trabalhadores se organizaram fora dos sindicatos, e com bastante sucesso. Foi criada uma rede subterrânea com corredores que circulavam entre as fábricas para manter diferentes grupos de trabalhadores em contato direto uns com os outros. Essa rede incluía (ou inclui, se ainda existir) locais de trabalho em Gdansk, Szczecin, Zyrdow, Varsóvia, Poznan e Piaga. Os trabalhadores conseguiram coordenar as greves. Em uma cidade, os trabalhadores do estaleiro fizeram uma greve de duas horas; quando voltaram ao trabalho, os trabalhadores do bonde saíram por duas horas; quando voltaram ao trabalho, começou uma greve de duas horas em uma fábrica etc.

### **O novo plano foi adiado**

Por fim, como o movimento continuou a se espalhar e a possibilidade de uma greve geral em toda a Polônia tornou-se real, o governo teve de reconhecer a existência dessas organizações negociando com elas. Quando Gierek foi falar com os trabalhadores do estaleiro em Szczecin, ele não falou com os líderes sindicais, mas com 500 representantes escolhidos pelos trabalhadores. O mesmo aconteceu quando ele foi a Gdansk no dia seguinte.

Gierek prometeu aos trabalhadores que adiará por um ano (e não abandonaria) o plano quinquenal, mas se recusou a aumentar os salários porque o Estado "não podia pagar". A exigência dos trabalhadores de Szczecin de pagamento pelos dias de greve também foi atendida. Os trabalhadores voltaram ao trabalho, embora a agitação continuasse.

Em 13 de fevereiro, em Lodz (a segunda maior cidade da Polônia), 10.000 trabalhadores têxteis, a maioria mulheres, iniciaram uma greve que paralisou a produção têxtil do país. Eles exigiram aumento de salários e melhores condições de trabalho. A situação das mulheres na Polônia é especialmente ruim; espera-se que elas trabalhem e façam o trabalho doméstico e cuidem das crianças; e seus salários são, em média, 30% menores que os dos homens. A greve de Lodz fez com que o governo finalmente reduzisse os preços dos alimentos, e a greve terminou após cinco dias.

A Polônia está tranquila agora, mas ninguém sabe dizer por quanto tempo. A maioria dos motivos imediatos para os problemas ainda está presente ou voltará em breve (o plano quinquenal deve ser instituído no próximo ano). Há uma semana, os trabalhadores de Szczecin estavam reclamando que as promessas do governo de melhores condições de trabalho não estavam sendo cumpridas. Em 16 de fevereiro, o governo anunciou que não faria mais concessões.

### **Os mesmos problemas nos EUA**

O que os trabalhadores poloneses têm lutado não pode ser explicado pelo uso da palavra "comunismo" - essa palavra (assim como "democracia") pode significar o que você quiser. O problema é o patrão. O problema é que os poloneses enfrentam basicamente o mesmo tipo de sistema que nós: todo mundo trabalhando para algumas pessoas que são donas de tudo e nos dizem o que fazer - lutar uma guerra aqui, receber um corte salarial lá, perder um emprego aqui, receber um corte na previdência lá.

Aqui, o poder parece estar todo dividido entre os patrões, os políticos e os burocratas sindicais. E quando fazemos greve ou manifestação, estamos todos divididos; são trabalhadores do setor automotivo ou caminhoneiros, ou trabalhadores da GE - ou estudantes. Devido ao papel central do Estado no sistema polonês, eles podem ver que todos compartilham a mesma luta contra o mesmo pequeno grupo de pessoas.

Nós também: a luta daqueles que fazem o trabalho contra aqueles que o controlam e lucram com ele. Aqui parece que os homens e mulheres que trabalham, os "americanos silenciosos", não têm poder. Era assim na Polônia antes de as pessoas se mexerem. Naturalmente, somos fracos se ficarmos em silêncio ou se lutarmos todos divididos. A ação dos trabalhadores poloneses deve nos fazer lembrar de três coisas:

**Todos os trabalhadores têm o mesmo inimigo - o patrão, quer ele chame seu governo de "comunismo", como na Polônia, ou de "democracia", como nos EUA. Todos os trabalhadores têm os mesmos amigos - uns aos outros, e não os políticos ou os dirigentes sindicais, que buscam poder e dinheiro.**

**Apenas uma coisa significa alguma coisa no longo prazo: ação. Não líderes sentados em mesas de negociação, mas ação direta nas fábricas, escritórios, escolas e ruas.**

**Não adianta esperar que os bons tempos cheguem. Se quisermos que as coisas sejam diferentes, NÓS teremos que torná-las diferentes. Nós certamente podemos: Quem faz o trabalho? Quem luta nas guerras? De quem tudo isso depende? OS TRABALHADORES TÊM O PODER. TUDO O QUE TEMOS DE FAZER É USÁ-LO!**